

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS
2021**



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



2021

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1..... 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2..... 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3.....25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 438

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5.....53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 662

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISMO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

CAPÍTULO 13	151
LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA	
Saúl Mauricio Niveyro Linares	
DOI 10.37572/EdArt_29012127913	
CAPÍTULO 14	165
NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS	
Maria do Céu Caetano	
DOI 10.37572/EdArt_29012127914	
CAPÍTULO 15	175
APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vera Vasilévski	
DOI 10.37572/EdArt_29012127915	
CAPÍTULO 16	192
UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA	
Bruna Moreira de Souza	
DOI 10.37572/EdArt_29012127916	
CAPÍTULO 17	205
DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA	
Lícia Maria Bahia Heine	
DOI 10.37572/EdArt_29012127917	
CAPÍTULO 18	225
ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i>	
Ivonete da Silva Santos	
Maria Helena de Paula	
DOI 10.37572/EdArt_29012127918	
CAPÍTULO 19	240
PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-DISCURSIVA	
Magno Santos Batista	
DOI 10.37572/EdArt_29012127919	

CAPÍTULO 20	253
NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX	
Luma Pinheiro Dias	
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz	
DOI 10.37572/EdArt_29012127920	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	264
ÍNDICE REMISSIVO	265

CAPÍTULO 11

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

Data de submissão: 08/10/2020

Data de aceite: 23/11/2020

Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega

IFRN – Campus Santa Cruz

<http://lattes.cnpq.br/5826283051940593>

RESUMO: Durante 20 anos, de 1924 a 1944, Câmara Cascudo e Mário de Andrade trocaram 159 cartas, discutindo os mais variados temas pertencentes ao cenário cultural, econômico, político e literário brasileiro referentes àquele período. Neste artigo, que é um recorte da tese de doutorado defendida no ano de 2016, tem-se como objetivo analisar e interpretar como a articulação de representações discursivas (Rds) constrói uma esquematização do Nordeste como espaço constitutivo da brasilidade na correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade. Para tanto, foram selecionados trechos das cartas de Câmara com termos diretamente ligados a essa representação, tais como “Nordeste”, “Norte” – que à época ainda incluía ou se confundia com o Nordeste – e palavras do mesmo campo semântico-nocional, como “sertão”. A análise mostra que esses

termos não ocorrem sistematicamente e que a representação do Nordeste é construída principalmente pela evocação de cenas, situações e locais da região. Para o detalhamento dessa construção, foram utilizadas categorias advindas da Análise Textual dos Discursos (ADAM, 2008, 2011), rearticuladas e redefinidas em (RODRIGUES, PASSEGGI, SILVA NETO, 2010) com ênfase nas operações de textualização, tais como referenciação, predicação, modificação, localização espacial e localização temporal. Para desenvolver a pesquisa, utilizamos uma metodologia de cunho analítico-interpretativista que se enquadra no campo da pesquisa qualitativa com um olhar que aponta para alguns procedimentos da pesquisa quantitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Operações de textualização; Nordeste, Câmara Cascudo.

INTRODUÇÃO

A questão das identidades nacional e regional sempre foi uma temática de interesse de vários estudiosos e pesquisadores pelo fascínio e importância que representa para a constituição e (re)afirmação da autonomia e altivez das nações bem como das regiões em suas especificidades em meio ao todo que compõe a identidade de uma nação.

Ao estudar essa temática, percebe-se que conhecer os elementos formadores de uma nacionalidade é também reconhecer que ela não é homogênea; é diversa, múltipla, plural. É entender também que, na constituição dessa colcha de retalhos, umas serão valorizadas, outras serão estigmatizadas ou, quando não, apagadas. Mas, sobretudo, perceber que as identidades são frutos das relações de poder que se estabelecem no seio da sociedade, originam-se na luta pela permanência ou pela construção de valores que precisam ser priorizados e publicizados porque atendem a interesses de determinados grupos. Compreender, mais ainda, que estudar identidades também força a pensar importantes aspectos do cotidiano, bem como instiga a interagir melhor com as (in)verdades que cercam e fazem as pessoas, os grupos agirem de determinado modo.

Dentre vários pesquisadores, o professor e historiador Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior tem se especializado no estudo dessa temática pondo em evidência a questão do Nordeste. Em seu livro *A Invenção do Nordeste*, o historiador traz à baila a discussão de que esta região seria fruto de uma invenção imagético-discursiva, uma região que objetivamente não estava inscrita no passado como sempre se pensou. Com isso, inicia-se em seu discurso a desnaturalização de uma região que se forjou enraizada na memória e na percepção dos brasileiros, sobretudo dos nordestinos – seus habitantes.

O professor Durval defende que o Nordeste é uma região que passa a ser gestada discursivamente por políticos, sociólogos, literatos, jornalistas, artistas, etc., a partir de 1919, quando parte do território Norte passa a ser designado como Nordeste por ocasião da criação do órgão federal de combate à seca: IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Seca). Esse novo recorte territorial, denominado agora de Região Nordeste, projetar-se-á nesses discursos ora como espaço da decadência, da seca; do couro; ora como o espaço da tradição; do folclore; da saudade, do engenho e da casa grande; do fausto.

Como resultado desses estudos, surgiu uma série de teses e artigos de pesquisadores de diversas esferas do conhecimento, a exemplo, recomenda-se a leitura da monografia *Os fios literários e a tessitura Nordestina*¹ e o artigo *O dizível e o visível em Vidas Secas*². A autora desses artigos, assumindo uma perspectiva durvaliana, observa como os fenômenos linguístico-discursivos colaboram para a constituição da brasilidade em meio à multiplicidade de identidades que a permeia.

Muitos e diferentes são os gêneros pelos quais é possível a manifestação dos indícios latentes desse caráter identitário, dentre eles, a epistolografia se fez meio entre

¹ NÓBREGA, C. M. P de S. **Os fios literários e a tessitura Nordestina**: O discurso regional em Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Caicó/RN 2003. Monografia de conclusão do curso de Especialização Identidade Regional: a questão Nordeste. URCA/Núcleo de Estudos Regionais-NERE.

² NÓBREGA, C, M, P de S. O dizível e o visível em Vidas Secas. In: CONFESSOR. C. R. de P. **(Des) alinhos**: Ensaio de história cultural e social. João Pessoa: Idéia, 2004.

diversos pesquisadores, literatos e demais escritores que se debruçam no estudo dos elementos e fatores que delimitam as constituições de uma identidade. Mário de Andrade e Câmara Cascudo, durante um período de 20 anos, não ficaram de fora desses estudos e dialogaram por meio de 159 missivas que vieram a público em 2010 por ocasião da publicação do livro *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944*, organizado pelo professor Marcos Antônio de Moraes.

No artigo, ora apresentado, tem-se o recorte de uma pesquisa doutoral defendida em 2016, cujo objeto de análise foram as missivas trocadas por Câmara Cascudo e Mário de Andrade, com as quais se propôs um estudo analítico-interpretativo sobre a construção de como se deu a representação discursiva de Nordeste na correspondência trocada pelos escritores em questão por meio da aplicação das categorias de análise apresentadas pela *Análise Textual dos Discursos*, de Michelle Adam.³

Ler e analisar sob esse viés teórico as missivas trocadas entre os escritores citados é compreender como uma identidade regional, por exemplo, foi evocada por indivíduos oriundos de lugares distintos, no sentido de observar como a cultura regional se encaixa num projeto identitário mais amplo como assim o foi construído no dizer de Pericás e Secco: pelas vozes que se faziam ressoar a partir de 1922, em plena efervescência do movimento Modernista no Brasil.

Cascudo e Mário eram figuras que já se destacavam na agenda cultural e artístico-literária daquela época, a veiculação de suas cartas, embora, após cerca de quase 7 décadas a contar do ano das últimas correspondências, só vem corroborar o quanto foi de singular importância aquele momento da história cultural brasileira, considerando as especificidades e idiosincrasias dos espaços que constituem o território nacional, interessando-nos de modo particular o Nordeste na percepção de Cascudo e Mário, pois inflamados pelo ideário nacionalista do Movimento Modernista, ambos se empenharam em construir – cada um ao seu modo – uma produção bibliográfica na qual os traços de brasilidade latente no território cultural do Brasil se fizessem presentes. A correspondência

³ A narrativa dessa tese começou no ano de 2010, quando da publicação da já mencionada edição crítica *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924-1944*. Dois anos antes, em 2008, houve a realização do ciclo de conferências internacionais de *Análise Textual dos Discursos* e a tradução, para o português, do livro *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse des discours*, do linguista francês Jean-Michel Adam, pelo grupo de pesquisadores das Universidades Federais do Rio Grande do Norte e do Ceará, os quais vêm desenvolvendo uma série de atividades que buscam dar visibilidade à *Análise Textual dos Discursos* no Brasil, como a realização dos Simpósios de *Análise Textual dos Discursos*, além de outras atividades e encontros anuais que fazem parte da agenda do grupo no Brasil. O I Simpósio Internacional *Análise Textual dos Discursos* foi realizado em 2009, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), evento que impulsionou as pesquisas nesse âmbito acadêmico, fortalecendo os grupos já consolidados em 2008 e abrindo novas perspectivas de pesquisa com o aporte teórico da *Análise Textual dos Discursos*, que visa focar os avanços na concepção da relação texto/discurso, propondo uma abordagem em que ambos são pensados de forma articulada. A teoria também apresenta categorias para a descrição, análise e interpretação de textos concretos, aplicáveis em variados gêneros de diferentes domínios discursivos. (NÓBREGA, 2017)

trocada entre eles sinaliza como percebiam a presença do Nordeste na constituição dessa brasilidade.

Nessa direção, o presente artigo traz um recorte de uma investigação mais ampla que se circunscreve no quadro teórico geral da Linguística Textual e, mais especificamente, nos pressupostos da Análise Textual dos Discursos, incluindo-se, ainda, no eixo temático dos Estudos Linguísticos do Texto e nas propostas de pesquisa do grupo ATD/UFRN, ao qual se encontra vinculado, tendo especificamente seu foco de investigação centrado no nível semântico do texto que foca uma das noções exploradas pela teoria de Adam, a saber: a representação discursiva.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A *análise textual dos discursos*, construto teórico proposto pelo linguista francês Jean-Michel Adam, apresenta um novo quadro teórico no campo das ciências da linguagem em que texto e discurso são pensados de forma articulada. Em seu livro *Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos* (2008, 2011), o teórico expõe os elementos-base para se trabalhar com esse tipo de análise textual-discursiva: em síntese, sua proposta é baseada em quatro níveis textuais: nível sequencial-composicional, nível enunciativo, nível semântico e nível argumentativo.

- a) sequencial-composicional: em que os enunciados elementares (a proposição-enunciado ou proposição enunciada) se organizam em períodos para compor as sequências. Estas, por sua vez, se agrupam conforme um plano de texto. Esse nível focaliza a estruturação linear do texto, no qual as sequências desempenham um papel fundamental;
- b) enunciativo, baseado na noção de responsabilidade enunciativa; que corresponde às “vozes” do texto, à sua polifonia.
- c) semântico, apoiado na noção de representação discursiva e em noções conexas (anáfora, correferências, isotopias, colocações) que remetem ao conteúdo referencial do texto.
- d) argumentativo, embasado nos atos do discurso realizados e na sua contribuição para a orientação argumentativa do texto. (RODRIGUES; PASSEGGI; SILVA NETO, 2010, p. 152).

Para este estudo, interessa o nível semântico, no qual se encontra a representação discursiva. Ela, a representação discursiva, segundo Adam (2008, 2011), concretiza-se nos enunciados do texto por meio das atividades de referenciação e predicação, estruturadas tipicamente pela junção de um sintagma nominal associado a um sintagma verbal. Segundo Rodrigues; Passeggi; Silva Neto (2010, p. 173), “todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados”.

Nessa direção, as análises expostas neste artigo estarão centradas exclusivamente na representação discursiva do conteúdo temático que se remeterá aos elementos

caracterizadores do espaço Nordeste. Entretanto, o foco investigativo deste estudo é saber como esse espaço foi construído enquanto uma representação discursiva.

Conforme já dito anteriormente, uma representação discursiva se configura em um enunciado ou proposição-enunciada e nela esta subtendida o discurso e a cadeia discursiva ao qual pertence, de modo que todo discurso está relacionado a um outro, seja como resposta, seja como invocação. Sob esse aspecto, é aceitável a ideia de que uma Rd de Nordeste construída por Mário de Andrade e Câmara Cascudo certamente está implicada por outras noções correntes sobre Nordeste à época em que foram escritas as cartas. Hoje, cabe ao analista do texto interpretar essa Rd sob à luz de categorias analíticas e noções teóricas que lhes darão suporte, tais como as apresentadas pela ATD.

Nessa linha, para este artigo, de modo mais específico, buscou-se investigar quais representações discursivas de Nordeste foram construídas nas cartas de Câmara Cascudo a Mário de Andrade,⁴ utilizando-se como procedimento de análise, as categorias semânticas baseadas nas operações linguístico-discursivas que Adam (2008, 2011) definiu para o período/sequência descritiva já redefinidas e rearticuladas na proposta de Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010).

a) Referenciação: operação de designação e redesignação dos referentes textuais (participantes, no sentido amplo). É responsável pela instauração e recategorização dos objetos-de-discurso. Nesse sentido, inclui mecanismos como a tematização e a anáfora.

b) Predicação: operação de seleção dos predicados verbais, enquanto designação dos processos: ações, estados e mudança de estado, para ficarmos numa classificação básica. Essa operação é igualmente responsável pelo estabelecimento da relação predicativa, estruturante do enunciado.

c) Modificação: operação de atribuição de propriedades ou características dos referentes (modificação do referente) e das predicções (modificação do predicado).

d) Localização: operação de construção de marcos espaciais (localização espacial) e de marcos temporais (localização temporal). Esses marcos podem ser mais ou menos detalhados, conforme o texto.

Para a preparação do corpus que efetivamente se daria às análises, fez-se o mapeamento das sequências temáticas que contivessem termos diretamente ligados à ideia de Nordeste, tais como: “Nordeste” e “Norte”⁵ – que a época ainda incluía ou

⁴ No texto do qual este artigo se originou, tem-se a análise também das cartas de Mário de Andrade enviadas à Câmara Cascudo. Mas por motivos técnicos, optou-se neste artigo apresentar somente as análises das cartas de Câmara Cascudo.

⁵ [...] a referência ao Nordeste, tal qual se concebe na atualidade, só veio a se delinear por volta do início da segunda década do século XX, sob a égide de um discurso que pleiteava recursos financeiros para uma parte do Norte que estava sujeita às estiagens. Até onde se sabe, ainda não se tinha, oficialmente, no Brasil, uma região denominada de Nordeste.

Esse termo, segundo o historiador Albuquerque Júnior (1999, p. 68), “é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, criado em 1919”. Portanto, de acordo com esse estudioso, o Nordeste, enquanto uma região do Brasil, surgiu a partir de um discurso institucional que buscava chamar a atenção do poder público federal para o problema da seca que afetava uma parte da região Norte. Entretanto, ainda no início da década de 1920, os termos Norte e Nordeste eram usados simultaneamente para

se confundia com Nordeste – e palavras do mesmo campo semântico-nocional, como “sertão”, por exemplo. Ao todo, das 94 cartas de Câmara Cascudo foram selecionadas 26 sequências temáticas e das 65 cartas de Mário de Andrade foram selecionadas 32 sequências, entretanto, para este artigo, das 58 sequências temáticas selecionadas, utilizar-se-á somente as sequências extraídas das cartas de Câmara Cascudo com o objetivo de analisar e interpretar como a articulação de representações discursivas (Rds) constrói uma esquematização do Nordeste como espaço constitutivo da brasilidade.

UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DE NORDESTE EM RETALHOS DE MISSIVAS

Como já esclarecido anteriormente, o termo Norte também era utilizado, à época da troca de correspondência entre Mário de Andrade e Câmara Cascudo, para se referir ao que hoje é oficialmente designado de Nordeste. Portanto, os termos Norte e Nordeste na comunicação entre os missivistas referenciavam uma mesma localização geográfica e isso pode ser observado nas cartas em que ambos fazem uso desses vocábulos num total de 46 ocorrências de Nordeste (06 em Câmara Cascudo e 40 em Mário de Andrade) e 80 ocorrências de Norte (41 em Câmara Cascudo e 39 em Mário de Andrade).

Nesta seção, proceder-se-á a análise somente de trechos das cartas de Câmara Cascudo, convencionalmente denominados de sequências temáticas, nos quais aparecem o termo Norte e Nordeste, lembrando também “que uma dada representação discursiva pode ser construída em vários pontos do texto, não necessariamente sucessivos” (PASSEGGI et al., p. 268) e que a representação do Nordeste que se configura nas cartas de Câmara se constitui e se conecta a outras representações que aparecem no seu plano textual, tal como a representação de sertão, por exemplo.”

Para efeito de análise, optou-se por partir das categorias semânticas para o texto, descrevendo os elementos que as materializam no contexto e se considerou também as informações contextuais baseadas no conhecimento extralinguístico que se tem do objeto tematizado.

Nas 94 cartas escritas por Câmara Cascudo a Mário de Andrade, apenas em seis delas o termo Nordeste aparece, conforme se verifica nas sequências abaixo selecionadas:

Sequência 01. Remeto um convite para o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. (MELO, 2010, p.55)

Sequência 02. Não me esquecerei do seu pedido. Mandarei copias do *Lendas e tradições*. E sabe que V. está citado? Pois é. Nas “Lendas de origem portuguesa”

designar uma mesma localização espacial. Segundo Filgueira (2011, p. 38), “o espaço que hoje compreende a região Nordeste do Brasil, o mais antigo do país, em termos de ocupação demográfica e econômica, só em 1968, foi fixado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mediante o estabelecimento de uma divisão oficial do território brasileiro”. (conferir tese p. 73). (NÓBREGA, 2016)

(quer dizer europeia) cap. C., do estudo “Lendas do **Nordeste**” transcrevo o final de sua conferencia no Automóvel Clube. Recorda-se? (MELO, 2010, p.55)

Sequência 03. Se você vier... Com os diabos! Não há literato que lhe ponha um dedo ou lhe cite um livro. V. vem comer, beber, respirar e ver **Nordeste**. Típico, autêntico, completo. (MELO, 2010, p. 109)

Sequência 04. Gustavo barroso esteve aqui em casa. Passou um dia com a mulher e os garotos. Ficou contente como o diabo porque eu lhe disse que V. considerava os trabalhos dele insubstituíveis para o conhecimento do folclore do **Nordeste** brasileiro. (MELO, 2010, p. 160)

Sequência 05. Andei batendo livros e, na forma do costume, incomodando Paris, Berlim, Lisboa, Madeira, etc. Nada de antecedentes. Todos os cantos de improvisação são acompanhados durante o verso. Há voz e há música instrumental. No **Nordeste** não há. Hoje recebi uma informação de Funchal onde há desafio em quadras, como no velho sertão de outrora. Nada que se pareça com nossos cantadores. Enfim, depois de citar canto amebeu e outras sublimidades, calei-me. Que me diz você sobre o *causo*? Em Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul o desafio é acompanhado durante o canto. Constituímos uma curiosa exceção. E de onde teria vindo esse processo? O canto aqui funciona como declamação, quase sem solfa. Este pontinho fixei mais ou menos, mas não foi possível articular a ausência de acompanhamento. É uma criação regional? (MELO, 2010, p.298-299)

Sequência 06. Agora, se me permite, aqui está um “caso”. Estou, como você sabe, traduzindo para a “Brasília” daí, o *Travels in Brasil* de Henry Koster que é ainda o melhor livro que se escreveu sobre o **Nordeste**, como documentação, amplitude e honestidade. (MELO, 2010, p. 307-308)

Observa-se que, em todas as ocorrências, o termo Nordeste apresenta um valor locativo, projetado, sobretudo, pelos aspectos culturais que o caracterizam: em (01) como lugar de um evento; em (02,) (04), (05) e (06) pela produção bibliográfica atinente a lendas, ao folclore, à música e aos instrumentos musicais relacionada àquele espaço. Em todas essas ocorrências, a cultura ganha relevante destaque na projeção da Rd de Nordeste no discurso de Câmara Cascudo.

Nessa direção, poder-se-ia dizer que a operação de modificação em (3), ao alterar o sentido do referente Nordeste com os qualificativos “típico”, “autêntico” e “completo”, constroem uma representação discursiva de Nordeste em torno da ideia de legitimidade e autenticidade, projetando, em síntese, a melhor e mais precisa definição do que representava discursivamente os elementos da cultura do Nordeste no cenário brasileiro para Câmara Cascudo, ou seja, tem-se nesse enunciado a Rd de Nordeste como espaço de uma cultura legítima e autêntica, constitutiva da brasilidade, conforme se constata também em carta de 21 de maio de 1975 “(...) O vaqueiro legítimo, um cardeiro autêntico(...)” e uma outra de 10 de dezembro de 1928 “(...) Arranjei uma vaquejada típica (...)” em que a presença dos modificadores *legítimo*, *autêntico* e *típico* reforça essa ideia de singularidade aos elementos da cultura nordestina.

Ainda em (03), a predicação paralelística “V. vem comer, beber, respirar e ver Nordeste” conota os efeitos de sentido que tais verbos expressam no sentido de

que a cultura nordestina se caracteriza pelo conjunto de sensações que podem ser experimentadas pela gustação, pelo olfato e pela visão, conforme se verifica, a seguir:

Sequência 07. Venha ver estas coisas. Casas, vaqueiros, lobisomens, matutos, anedoteiros, capitães-mores, jornais – dentes-de-cação, autos Fordes... venha! E as igrejas da Bahia e Recife e Olinda... Tanta coisa. (MELO, 2010, p.41)

Sequência 08. Receba e mire o Rio G. do Norte. O vaqueiro legítimo, um cardeiros autêntico e virgem de filmes e a Fortaleza dos Santos Reis Magos cuja história V. encontrará no livreco que lhe mandei e que escrevi. (MELO, 2010, p.48)

Sequência 09. Perdoe V. o papel. Estou no meio de vaqueiros e cantadores. Não há luz elétrica. A coisa que lembra, e detestavelmente, o progresso, é o meu Ford que está parado debaixo do telheiro. Não posso mandar-lhe fotografia dessa terra admirável. Deus inda há de fazê-lo vir até aqui para que V. fique sertanejo toda vida e mais seis meses. E que sensação de paz... à mesa de jantar sentamo-nos 30 pessoas. Os criados, vaqueiros, tangedores, os convidados, a gente de fora e o curador de rasto ficaram reunidos. Antes do prato de peixe, d'água do açude, o dono da casa rezou e aqueles homens se ergueram rezando também... E que noitada!... E as "prosas". Quanta coisa linda... Se V. estivesse aqui ouvindo o cantador e as histórias dos vaqueiros. E os cigarrões de palha e a tigela de café com rapadura do Cariri? (MELO, 2010, p.60)

Sequência 10. Fiquei desolado sobre a sua não vinda. Tantos planos... já estava o quarto separado e um programa estupendo de ver-se. V. verá Natal mesmo, o homem e a terra vermelha do Sertão tal qual vivem. (MELO, 2010, p.55)

Sequência 11. Aqui em nosso Rio Grande V. visitará comodamente tudo que se fizer. Arranjei uma vaquejada típica. (MELO, 2010, p. 150-151)

De (7) a (11), consoante discutido em Lima (2009) e Lima e Feltes (2013), tem-se sequências que, embora não apresentem uma referência explícita ao Nordeste, é possível constatar a apresentação, ao alocutário, da descrição de fatos, acontecimentos e paisagens que evocam cenários típicos desse espaço, ancorados, por exemplo, em expressões referenciais que, no contexto das cartas em estudo, podem ser comumente associadas a denominações de tipos, de práticas ou de artefatos culturais e gastronômicos pertinentes a esse espaço, como as ocorrências na sequência (07): vaqueiros, lobisomens, matutos, anedoteiros, capitães-mores, jornais – dentes-de-cação, igrejas da Bahia, de Recife e Olinda, mosaico, obras de talha, anjinhos bochechudos, cadeira de mogno, jacarandás; e na sequência (08): vaqueiro, cardeiro, Fortaleza dos Reis Magos; em (09), prato de peixe, d'água do açude, cigarrões de palha, tigela de café com rapadura do Cariri; em (10); o homem e a terra do sertão; em (11), a vaquejada.

As predicções que se constroem em torno de verbos e locuções verbais no imperativo: "Venha ver" (7), "Receba e mire" (8), ao denotarem mais do que um convite e sim uma obrigação, um dever, revelam o quanto a cultura desse espaço representava para Câmara Cascudo: algo que deveria ser conhecido por pessoas influentes de outras regiões do Brasil, assim como o era Mário de Andrade para o potiguar àquela época dos

acontecimentos culturais no eixo Rio-São Paulo. Assim, demonstra-se, por meio dessas predicacões, o empenho do folclorista potiguar em trazer o intelectual paulista para conhecer esse Nordeste que também está projetado nos elementos visuais olfativos e gustativos de práticas culturais sugeridas pelos cenários descritos em suas cartas.

Assim, no conjunto dessas cartas enviadas a Mário de Andrade, é possível averiguarmos uma Rd de Nordeste vinculada à valorização do elemento popular, das tradições e costumes, mais especificamente, relacionados ao homem sertanejo, como no cenário que Câmara Cascudo descreve em carta, datada em 4 de setembro de 1925 “[...] A coisa que lembra, e detestavelmente, o progresso, é o meu Ford que está parado debaixo do telheiro [...]” (MELO, 2010, p. 60); o modificador verbal “detestavelmente” impregna ao ato de lembrar uma sensação de desprazer no sentido de recusar o progresso que está chegando às terras potiguares em detrimento da manutenção de uma sociabilidade arraigada a práticas sertanejas (“estou no meio de vaqueiros e cantadores”), como as descritas na sequência abaixo:

Sequência 12. E que sensação de paz... à mesa de jantar sentamo-nos 30 pessoas. Os criados, vaqueiros, tangedores, os convidados, a gente de fora e o curador de rasto ficaram reunidos. Antes do prato de peixe, d'água do açude, o dono da casa rezou e aqueles homens se ergueram rezando também... E que noitada!... E as “prosas”. Quanta coisa linda... Se V. estivesse aqui ouvindo o cantador e as histórias dos vaqueiros. E os cigarrões de palha e a tigela de café com rapadura do Cariri? (MELO, 2010, p. 60)

A vivência de um costume típico da cultura sertaneja, descrita no enunciado da carta acima, talvez seja uma das razões que motivaram Câmara Cascudo a atribuir, na mesma carta, por meio da operação de modificação, o qualificativo “admirável” ao referente “terra”, que antecede essa descrição. O substantivo “terra”, em um processo anafórico, pode ser analisado como retomada da expressão locativa “no meio de vaqueiros e cantadores”, e, nesse sentido, pode-se dizer que se está diante de um processo de designação e redesignação referencial: no meio de vaqueiros e cantadores > terra admirável. Portanto, estar no meio de vaqueiros e cantadores é estar em uma terra admirável.

O cenário que se apresenta, em seguida, para essa “terra admirável”, isto é, para a terra de vaqueiros e cantadores, evoca cenas tipicamente nordestinas, conforme já foi mencionado. Todavia, é preciso ressaltar que, na maioria das vezes, essas cenas nordestinas são também cenas do sertão. Desse modo, tem-se uma Rd de Nordeste bastante conectada à Rd de sertão.

Em estudo realizado por Passeggi (2012), verificou-se que o vocábulo sertão aparece em 15 cartas de Câmara Cascudo, registrando 23 repetições. Portanto, registram-se mais ocorrências do termo sertão do que do próprio termo Nordeste.

Essa recorrência é, sem dúvida, sintomática para a Rd ora analisada, uma vez que o sertão ao qual se faz referência é o sertão de uma região específica: O Nordeste.

Entretanto, o sertão nordestino de Câmara Cascudo não é o *sertão*, mas é um *sertão* específico tal qual ele apresenta no poema *Não gosto de sertão verde*, anexo a uma das cartas enviadas a Mário.

Não gosto de sertão verde

Não gosto de sertão verde,

Sertão de violeiro e de açude cheio,

Sertão de rio descendo,

l

e

n

t

o

largo, limpo.

Sertão de sambas na latada,

harmônio, bailes e algodão,

Sertão de canjica e de fogueira

Capelinha de melão é de S. João,

Sertão de poço da ingazeira

onde a piranha rosna feito cachorro

e a tainha sombreia de negro n'água quieta,

onde as moças se despem

d

e

v

a

g

a

r

Prefiro o sertão vermelho, bruto, bravo,
com o couro da terra furado pelos serrotes hirtos, altos, secos, hispídos
e a terra é cinza poalhando um sol de cobre
e uma luz oleosa e mole

e
s
c
o
r
r
e

como óleo amarelo de lâmpada de igreja.

(Câmara Cascudo)

Esse sertão é construído, discursivamente em suas cartas a Mário de Andrade, como um espaço que precisa resistir às influências externas, configurando-se preso às tradições, marcado por um sertão vermelho, dos cantadores e aboiadores, conforme se verifica nas sequências em que por meio da operação de (re)tematização um mesmo espaço inicialmente designando “sertão” é redesignado de “Norte” e, posteriormente, “Nordeste”.

Sequência 13. Se o sr. Gui quisesse reconstruir *devia conhecer* uma raça que ainda não está cantada e sim fixada - o sertanejo [...] porque o **sertão** está morrendo engolido pelos açudes, pisado pelo Ford, cego pela lâmpada elétrica”. [...]

A casa grande derribou-se. Agora inaugura-se o estilo bolo de noiva com requififes e pendurucalhos nas paredes. Vaqueiros? Sumiram-se. Estamos comprando zebu, caracu, hareford etc. Bicho de comer em cocho e beber parado. Não sabe ouvir aboio nem corre no fechado da caatinga. Morre a vaquejada e com ela duzentos anos de alegria despreocupada e afoita. E é pena que o sr. Gui, vindo ao **Norte**, fique nas unhas de meninas recitadeiras e de garotos mastigadores de pós de arroz...

Se V. [você] vier... Com os diabos! Não há literato que lhe ponha um dedo ou lhe cite um livro. V. vem comer, beber, respirar e ver **Nordeste**. Típico. Autêntico. Completo. (MELO, 2010, p. 111-112)

Em (13), a predicação com o verbo “dever”, funcionando como auxiliar modal de “conhecer”, marca a obrigatoriedade de se atribuir ao sertão o valor que lhe foi confiscado no que diz respeito à questão da brasilidade. Nessa direção, a retematização é uma categoria relevante para a construção da Rd de Nordeste enquanto espaço autêntico

de brasilidade, uma vez que o objeto discursivo “sertão” é atualizado a partir de duas designações: **Norte e Nordeste**. Desse modo, tem-se uma cadeia referencial na qual as nomenclaturas “sertão>norte>nordeste são utilizadas para se referir a um mesmo espaço.

Esse processo corrobora a tese de que a “típica, autêntica e completa” brasilidade do Nordeste no discurso de Câmara Cascudo, encontra-se fixada no sertão, que estava ameaçado pelo sopro da modernidade. Paradoxalmente, essa ameaça, naturalmente, instiga o processo de preservação desse espaço. Observe, por exemplo, como essa realidade se constrói através da operação de analogia, extraída da seguinte carta:

Sequência 14. O sertão está morrendo de progresso e os termos bons e saborosos vêm à tona como náufragos teimosos. (MELO, 2010, p. 116-118)

A relação de analogia, realizada com a presença do conector “como”, permite destacar os atributos positivos do sertão, colocando-os em relação com o objeto “náufragos teimosos”. Nessa assimilação metafórica, o elemento comparativo “náufragos”, que contém em si a ideia de sobreviventes, é modificado semanticamente pelo qualificativo “teimosos”, reforçando a ideia de resistência sugerida na passagem “os termos bons e saboroso vêm à tona”. Essa resistência é, discursivamente, marcada por meio dos modificadores qualificativos “bons e saborosos” e pelo modificador modal “à tona”, relacionados, respectivamente, ao referente “termos” e ao verbo “vem”.

Assim, instaura-se, no discurso de Câmara Cascudo, com bastante força significativa para a construção da Rd de Nordeste enquanto espaço de brasilidade, a isotopia do “sertão que morre” a partir de duas predicções que, até do ponto de vista estrutural, são idênticas: “[...] o sertão **está morrendo** engolido pelos açudes, pisado pelo Ford, cego pela lâmpada elétrica” e “O sertão **está morrendo** de progresso e os termos bons e saborosos vêm à tona como náufragos teimosos”.

A essas predicções, de teor metafórico, juntam-se ainda as predicções dos enunciados que constam também na sequência 13: “A casa grande derrubou-se”; “Vaqueiros? Sumiram-se.”; “Morre a vaquejada”, cujos verbos fazem emergir o sentimento de que a cultura sertaneja está desaparecendo e, no seu lugar, uma outra – não autêntica e muito menos típica – está ameaçando-a.

Os efeitos de sentido gerados por tais predicções, nos contextos em que aparecem, colaboram de forma incisiva para a construção de uma Rd de Nordeste atrelada à concepção de que o sertão nordestino é um espaço culturalmente importante para a constituição da brasilidade que se buscava nos movimentos artístico-culturais daquele período, pois à ideia de morte instaurada se projeta outra: a ideia de resistência das tradições ligadas às práticas sertanejas que devem ser perpetuadas no discurso

constitutivo da brasilidade, ou seja, a percepção de que o progresso está minando o sertão, aciona um desejo de manutenção dessa cultura, seja por meio da linguagem, da culinária ou do aspecto natural ou arquitetônico, conforme já mencionado neste tópico.

Portanto, a Rd de Nordeste como espaço cultural autêntico e legítimo, construtor da ideia de brasilidade, será tomada como uma Rd mais ampla que, simultaneamente, comporta e é construída por Rds mais pontuais que tomam o Nordeste como espaço do folclore, das tradições e dos costumes do sertão avesso ao sopro de modernidade que pairava àquela época da história cultural brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o postulado de que todo texto constrói uma representação discursiva dos temas e assuntos tratados, os resultados apontam para a construção mais ampla de uma Rd de Nordeste como espaço constitutivo da brasilidade. Nesse sentido, constatou-se que nas cartas de Câmara Cascudo enviadas a Mário de Andrade o Nordeste se projeta como um lugar preso às manifestações folclóricas e às tradições que, ao lampejo de uma ameaça, reage preservando sua cultura “autêntica” e “legítima”, forjada, na linguagem, na culinária, nos aspectos naturais ou arquitetônicos do homem nordestino; mas, sobretudo, nas relações de sociabilidade do sertanejo, que, segundo Câmara Cascudo, é uma raça fixada, embora ainda não cantada (conhecida, enaltecida).

Em relação às categorias responsáveis pela projeção da análise e interpretação que foram expostas neste artigo, os resultados indicam que a Rd de Nordeste como espaço cultural constitutivo da brasilidade foi construída no discurso de Câmara Cascudo utilizando-se das operações linguística-discursivas de retomatização, de predicação, do uso de modificadores e da evocação de cenas nordestinas por meio de expressões referenciais para a construção da Rd de Nordeste como espaço cultural constitutivo de brasilidade. É pela retomatização que se realiza a alquimia de conectar uma representação mais restrita: a de sertão, à representação mais ampla de Nordeste, tomando aquela como uma das bases constitutivas para a construção desta. Com os modificadores, as expressões referenciais evocativas e as predicações, configurou-se a projeção de uma representação de brasilidade marcada por traços de autenticidade e legitimidade como foi possível constatar nas análises e interpretações realizadas. Destaca-se ainda a isotopia do “sertão que morre” como uma estratégia discursiva que reforça a tese de que a Rd de Nordeste é constituída com base também na Rd de sertão.

Acredita-se que o conteúdo posto como resultado da análise e interpretação da Rd de Nordeste nos moldes apresentados neste artigo vem também colaborar com as

pesquisas culturais quando se quer refletir sobre a relevante contribuição do Nordeste para a constituição da brasilidade segundo a ótica de um dos seus mais representativos nomes que é, sem dúvida, o de Câmara Cascudo por ser considerado como um dos pensadores que colaborou para construir um panorama da história e do pensamento cultural do Brasil do século XX, chegando a figurar na coletânea de L. Secco e L. B. Pericás (2014), livro que reúne 27 estudos e ensaios escritos por reconhecidos 102 especialistas acadêmicos que, dentre diversos nomes, incluíram o de Câmara Cascudo como também um intérprete da história e da cultura no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michele. **A linguística textual: introdução à análise dos discursos**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. **A linguística textual: introdução à análise dos discursos**. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. São Paulo: Cortez, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

LIMA, Silvana Maria Calixto. **Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização**. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009. 204p.

_____; FELTES, Heloisa Pedrosa Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto (Org.) **Referenciação: teórica e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MELO, Veríssimo de. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

NÓBREGA, Cristiane Maria Praxedes de Souza. **Representações discursivas de Nordeste nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

NÓBREGA, C. M. P de S. A construção metodológica da representação discursiva de Nordeste em cartas pessoais. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 25, p. 235-250, maio/agosto. 2017.

PASSEGGI, Luís. A conceptualização do sertão nas cartas de Câmara Cascudo e Mário de Andrade (1924-1944): um estudo de semântica cognitiva. In: MARTINS, Marcos Antônio; TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944**. Natal: EDUFRN, 2012. p. 295-309.

RODRIGUES, Maria das Graças; PASSEGGI, Luis; SILVA NETO, João Gomes. “Voltarei o povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, Jean-Michel; HEIDEMANN, Ute; MAIGUENEAU, Dominique. **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010.

RODRIGUES, Maria das Graças Soares et al. Planos de texto e representações discursivas: a seção de abertura em processo-crime. In: BASTOS, N. B. **Língua portuguesa e lusofonia**. São Paulo: EDUC, 2014. p. 240-255.

RONCARATI, Cláudia. **As cadeias do texto**: construindo sentidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SECCO, Lincoln; PÉRICAS, Luiz Bernardo. **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílabas 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**